

A PACIFICAÇÃO DOS

Opinião

2-12-73

ÍNDIOS GIGANTES

CEDI - P. I. B.
DATA 10/10/86
COD. P2008



KREEN-AKARORES

Exatamente agora regressava do interior de nossos sertões, onde, com meu irmão Cláudio, estou empenhado na consumação de mais um crime contra o nosso índio. Crime que cometemos em nome da nossa civilização. Ao cometê-lo, porém, nos consola saber — e aí concentramos todos os nossos esforços — que desventura maior eles (os Kreen-Akarores) teriam se não houvesse um esforço mediador, amenizador do choque inevitável entre as duas civilizações.

Então, é o caso de se perguntar: por que atraí-los?

Quando as suas aldeias estavam camufladas pela mata, eles viviam felizes. Um dia, porém, o avião os avistou. E quis a casualidade que uma das transamazônicas passasse nas proximidades de sua morada. Nesse dia começou a tragédia de mais uma nação indígena.

Levi-Strauss, referindo-se aos po-

vos primitivos, disse: "São duas humanidades que se cruzam, com um tempo quase nulo para se observarem". Podemos acrescentar: Ao fazê-lo, a nossa humanidade o faz com os olhos da investigação e da pesquisa. E a outra, primitiva, com os olhos dos povos tragediados.

Particularizando nosso país, podemos afirmar, sem exageros, que o processo estabelecido nas relações entre as duas sociedades — a primitiva e a nossa — não é somente de destruição sistemática da cultura da primeira, mas sim da própria criatura.

A ciência a cada dia nos revela coisas extraordinárias. Verdades que, pelas suas surpreendentes revelações parecem mais coisa de ficção científica. Eis-nos diante dos círculos fantásticos dos anti: o antiuniverso, a anti-matéria. Seria de se crer surgisse agora o antigente. O homem é mais estranho que o universo. Estariam os povos primitivos fatalmente marcados

pelos civilizações modernas? A verdade é que seus domínios e suas terras são garantidos pela Constituição. Pena que se modifiquem ao sabor das injunções maiores. Verdade que, como tutelados do Estado, contam com um organismo que sobre eles deveria abrir suas asas de proteção. Pena que a burocracia, os programas e as acomodações não deixem que cheguem até eles os recursos do Estado. Pena que o exercício da tutela não esteja todo voltado para a assistência, para o resguardo nacional. Bom seria que não houvesse a preocupação de uma integração rápida, em nome da "salvação". Diante disso tudo, grita uma verdade maior: Um povo está morrendo...

ORLANDO VILLAS BOAS

Há alguns meses, num rústico acampamento às margens do Rio Peixoto de Azevedo, no norte de Mato Grosso, Orlando Villas Boas previu o fim de sua longa missão em busca dos índios Kreen-Akarores e escreveu o discurso (reproduzido acima) que pronunciaria para senhoras da Legião Brasileira de Assistência. "Um povo está morrendo", ele dizia. "Cometemos (mais um crime) em nome da nossa civilização."

A pacificação dos Kreen-Akarores — o "crime" — aconteceu no começo da semana passada, quando cerca de 30 índios, alguns de até 2 metros de altura se encontraram amistosamente com o grupo de sertanistas chefiados por Cláudio Villas Boas, que durante 382 dias caminhara pelas selvas em busca de um povo quase mitológico, os "índios gigantes" habitantes das vizinhanças da Serra do Cachimbo.

Os primeiros contatos dos irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas com os Kreen-Akarores ocorreram em 1950 e durante todo esse tempo, como representantes de nossa civilização, Orlando e Cláudio buscaram paciente-

mente essa gente de hábitos pré-históricos cercada em suas próprias terras por uma nação que se expandia implacavelmente. Desde que foram anunciadas, há pouco mais de dois anos, as rodovias do Plano de Integração Nacional, a localização desse povo perdido foi transformada numa questão onde a pressa tomou o lugar de quase todas as outras considerações, talvez até mesmo as mais importantes. "Os índios não podem atrapalhar o caminho do progresso", disse o ministro Costa Cavalcanti, salientando sua crença de que os índios deviam ser afastados da rota de estradas cujo roteiro havia sido traçado sem nenhuma outra consideração que essa palavra também mitológica chamada "progresso."

No fim da semana passada, os Villas-Boas colocavam tambores na pista do acampamento onde se deu o encontro com os índios para evitar que mais "civilizados" levassem para os "gigantes" as suas mazelas: gripes, vícios, costumes e — de certa forma — a sua cultura. Orlando e Cláudio tentam agora obter a demarcação das

terras dos Kreen-Akarores. Acreditam que, com isso, e algum isolamento, eles resistirão melhor ao contato com os civilizados, uma experiência que, no Brasil, ao longo de quase 500 anos, tem sido quase sinônimo de extermínio.

Dos 1 a 2 milhões de índios que se presume terem existido no Brasil na época do descobrimento, restam hoje perto de 50 mil. Talvez o maior grupo desses sobreviventes seja o que buscou o abrigo das regiões extremas do alto Rio Negro. Ali vivem, entre 15 a 30 mil índios.

Estes, porém, não têm motivos para estar tranquilos. Já em abril devem ser iniciadas as obras da Rodovia Perimetral Norte, a nova "transamazônica", que ligará o Amapá à Venezuela, percorrendo a faixa próxima de nossa fronteira norte e cortando ao meio essas últimas reservas naturais indígenas. Como é da sua prática, a FUNAI tentará "pacificá-los" com uma política onde a pressa toma o lugar de quase todas as outras considerações. Talvez até mesmo das mais importantes.

Está em extinção a tribo dos irmãos Villas Boas. Se os índios tivessem jornal e televisão, a notícia já teria-se alastrado como um fogo pelos últimos bolsões de mata onde vivem acuados. Se tivessem um poeta trágico (que os países civilizados não têm mais e eles nunca chegaram a ter), estaria compondo a história dos três rapazes que, em 1944, deixaram São Paulo possuídos da paixão inútil de salvar de alguma forma os índios. Eram três os rapazes de então, Orlando, Cláudio e Leonardo. Ao morrer Leonardo, em 1961, a paixão tinha encontrado a única forma de não se consumir totalmente em vão: os Villas fundaram, então, o Parque Indígena do Xingu. Mas 10 anos depois, em 1971, mesmo esse Parque, que projetou, uma vez na vida, uma imagem séria e bela do Brasil no exterior, foi decepado pela BR-080, que liga Brasília à Cuiabá-Santarém o que poderia ter alterado seu traçado, mas não ia se dar ao trabalho só por causa de índios. Os Villas não puderam sequer protestar, sob pena de perder o emprego na Fundação Nacional do Índio. Para eles, perder o emprego não significa abrir mão dos menos de três mil cruzeiros que lá ganham por mês. Significa abandonar ao seu destino de cachapa, para os homens, e prostituição, para as mulheres, os índios para os quais pediam, no jardim fechado dos Parques, como o de Xingu, uma espécie de eutanásia, uma morte a prazo mais longo, uma fusão com o Brasil civilizado que se processasse como o encontro tranquilo das águas verdes do Rio Tapajós mergulhando no Amazonas barrento, na esquina da cidade de Santarém.

Mas não pode ser. Índio tem que sair da frente ou morrer depressa pois nossa grande civilização não há de se atrasar nem um minuto por causa da fauna. Pacificados, agora, os Kreen-Akorores, Orlando Villas Boas decla-

rou a O Estado de São Paulo que tanto ele como Cláudio — já adentrados pelos 50 anos, recordistas de malária e de desconforto — iam abandonar o mata. Voltam a São Paulo, de onde saíram em 44 para a Expedição Rondon-Xingu e para receberem das mãos de Rondon o marechalato mais bonito e mais insensato do Brasil: o de amar os bugres. A notícia foi depois abrandada um pouco. Orlando e Cláudio ainda têm um derradeiro grupo de índios a encontrar. Mas a permanência deles na FUNAI é coisa, agora, de pouco tempo. E a FUNAI mal consegue refrear sua impaciência de vê-los partir. Não é que Orlando e Cláudio tenham tido tempo ou vontade de denegrir o Brasil no exterior com histórias de chacina de selvagens. Essas histórias, que tanto passaram a ofender o governo, foram inicialmente divulgadas pelo próprio Ministério do Interior, a cargo então do General Albuquerque Lima. As atrocidades que levaram à extinção do antigo Serviço de Proteção aos Índios, o famoso genocídio, foram divulgadas pelo procurador Jader Figueiredo, que viajou 15 mil quilômetros de selva em aviões DC-3 do Ministério, em lanchas, teco-tecos e helicópteros e voltou do mata aterrado, narrando os mais hediondos crimes físicos e psicológicos contra o silvícola, principalmente quando dirigia o SPI o major-aviador Luis Vinhais Neves. Consultem os jornais de março de 1968 e ali verão a história, que jamais envolveu qualquer palpite ou opinião dos Villas.

Mas escândalos enterram-se e desaparecem e a figura viva dos apóstolos ofende sempre. Nada melhor que se afastarem os Villas, que atrapalham a vida de grandes empresas famintas de terra e a marcha dos tratadores. Francisco Meireles, outro grande sertanista, já chega também à aposentadoria e seu filho Apoena (Francisco

deu ao filho o nome do cacique Xavante, ele que pacificou os Xavantes e hoje quase se arrepende) é outro perseguido da FUNAI. O sertanista e antropólogo Darcy Ribeiro vive fora do país. O sertanista e sanitário Noel Nutels foi também forçado ensarilhar seu arco e flecha. Está quase totalmente limpa a via imperial dos tratadores.

Só nos resta esperar que o Prêmio Nobel da Paz, que não chegou às mãos de Rondon, chegue, em 1974, às mãos de Orlando e Cláudio Villas Boas. Uma vez mais, homens que estão no cume da ciência e da antropologia mundial desejam ver premiado, na pessoa dos Villas, o Parque Indígena do Xingu. Basta dizer que na Inglaterra chefia o movimento em favor de Cláudio e Orlando o biólogo e escritor Julian Huxley e na França ninguém menos que Lévi-Strauss, à frente da Société des Americanistes. O sentido da lãurea é o de chamar a atenção não só do Brasil como de todos os países onde ainda vivem, oprimidos, povos primitivos, para o fato de que estes, em sua desamparada humildade, definem, pela forma por que forem tratados, a fisionomia dos povos que os tutelam. É grande assim o poder dos que não têm poder nenhum.

Albert Schweitzer escreveu um dia que quando o amor não resolve um problema é que o amor foi pouco. Esse conceito inquietante não se aplica aos irmãos Villas Boas, que muito amaram os índios e que só têm agora o recurso de também perderem, como os índios, as florestas em que viviam.

ANTONIO CALLADO